

## A CAVERNA DE SARAMAGO ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: O IMPACTO MÍTICO-IDEOLÓGICO COLONIAL NA CRISE IDENTITÁRIA DA MODERNIDADE

### THE CAVE OF SARAMAGO BETWEEN SACRED AND PROFANE: OR MYTHICAL-IDEOLOGICAL IMPACT COLONIAL IN MODERNITY

Pedro Vinicius Lopes REZENDE<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisará o romance *A Caverna*, de José Saramago (2000), observando os conflitos da narrativa a partir da perspectiva mítico-ideológica. A fim de expor a trajetória da personagem principal, Cipriano Algor, daremos ênfase à dificuldade econômica e ao avanço da globalização como uma crise de identidade cultural das marcas neocoloniais no mundo moderno, e por isso fundamentaremos este primeiro objetivo com os preceitos críticos estabelecidos por Bhabha (2013) e Eagleton (1998). Pretendemos fornecer as pistas que revelem o centro econômico como o paraíso da modernidade capitalista, principalmente pelo viés da construção de interesses mercadológicos que invadem esse local idílico, segundo Eliade (2019) e Barthes (2001). Por fim, objetivamos explicitar o conflito entre Cipriano Algor e o Centro diante do impacto que esse contato de diferenças revela o destino do homem no mundo globalizado, pois a relação adversa que vai sendo manifestada no enredo literário se torna cada vez mais tensa devido, considerando os estudos de Hall (2020), à invenção da identidade em busca de encontrar o próprio pertencimento à realidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Globalização. Mítico-ideológica. Neocolonial. Nostalgia do Paraíso.

**ABSTRACT:** This paper will analyze the novel *The Cave*, by José Saramago (2000), observing the conflicts of the narrative from the mythical-ideological perspective. In order to expose the trajectory of the main character, Cipriano Algor, we will emphasize the economic difficulty and the advancement of globalization as a crisis of cultural identity of neocolonial brands in the modern world, and so we will base this first objective on the critical precepts established by Bhabha (2013) and Eagleton (1998). We intend to provide the clues that reveal the economic center as the paradise of capitalist modernity, mainly through the construction of marketing interests that invade this idyllic place, according to Eliade (2019) and Barthes (2001). Finally, we aim to explain the conflict between Cipriano Algor and the Center in the face of the impact that this contact of differences reveals the fate of man in the globalized world, because the adverse relationship that is being manifested in the literary plot becomes increasingly tense due to studies of Hall (2020), the invention of identity in search of finding one's own belonging to reality.

**KEYWORDS:** Globalization. Mythical-ideological. Neocolonial. Nostalgia of Paradise.

1. Mestrando em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), bolsista CAPES. Campus São Cristóvão, Sergipe, Brasil. E-mail: pedrovinicius.rezende@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-2479-0655>.

## Introdução

A leitura de textos literários é envolvente porque, a partir do momento em que nós, leitores, conseguimos criar vínculo com a narrativa, passamos a refletir sobre as ideias e a construção do contexto diante de pistas que fazem surgir interpretações sobre a obra. Iser (2011), enquanto estudioso da teoria da recepção, defende que esse envolvimento é necessário para que o material escrito possa continuar ressignificando em diferentes fases da história humana, propiciando novas tramas e sentidos que revelem a capacidade plurissignificativa do romance.

Por conseguinte, ao escolhermos como *corpus* o romance *A Caverna*, de José Saramago (2000), pretendemos nos envolver nas tramas do livro diante de uma leitura que identifique as problemáticas da modernidade e o seu anseio de globalização em transformar o mundo em um grande mercado que sobrevive diante do consumo. Pensando nisso, tal condicionamento impera em um contexto que revela um passado sociocultural praticado pela personagem principal, Cipriano Algor, diante de um local chamado Centro, que seria a referência espaço-literária do texto para lembrar a realidade dos *shoppings* e de tudo o que nos condiciona, no mundo moderno do consumo, ao ato de comprar e vender com o intuito de poder adquirir algum bem material, sendo ele necessário ou não.

É diante desses detalhes que fundamentamos a justificativa deste trabalho, pois o enredo retrata o desespero de um homem ao ter que abdicar de sua identidade para se adequar às exigências do Centro, já que este, ao possuir a hegemonia do mercado, detinha os interesses da sociedade e controlava o que deveria permanecer, ou seja, determinava quais eram as verdadeiras necessidades para sobreviver e estar efetivamente na sociedade moderna.

Nesse sentido, este estudo possuirá três momentos de análise: i) detalhar a jornada da personagem principal, Cipriano Algor, expondo seu desespero e sua angústia pela falta de pertencimento à modernidade, uma vez que a identidade histórico-cultural de sua família resistia e, diante das adversidades, corria o perigo do desaparecimento diante do avanço da globalização e do consumo capitalista, havendo uma relação de dominação do Centro.

Em seguida, ii) compreender as pistas que identifiquem a formação do Centro a partir das ideias mítico-sagradas da nostalgia do paraíso, aproveitando-se das revelações religiosas sobre o retorno a uma origem paradisíaca ressignificada por questões ideológicas, cujo interesse discursivo aliene as pessoas a acreditarem nesse espaço moderno como uma morada de esperança, recomeço e felicidade, sem perceberem a dominação cultural e o incentivo ao consumo mercadológico, a fim de manter suas estruturas políticas firmes e dominantes.

Por fim, iremos iii) explicitar o conflito entre Cipriano e o Centro, tendo como fio norteador a questão do quanto a diferença entre ambos impacta na situação do homem na modernidade, cuja identidade não poderia ser o norte do seu sonho paradisíaco; pelo contrário, o verdadeiro paraíso apenas é acessível àqueles que se adequam à ordem da globalização e vivem em torno da hegemonia dessa representação espaço-literária do mundo moderno.

Portanto, diante desses três pontos de análise, tentaremos expor a leitura do romance em consonância com questões de ordem identitária, moderna e colonial que vão sendo sutilmente implantadas na narrativa. Ressaltamos, ainda, que as discussões em torno dessas premissas sempre serão anunciadas pela dicotomia do sagrado e do profano, pois tais elementos míticos demonstram a religiosidade embrenhada na vida, porém, deixa de ser uma jornada pela espiritualidade e se apropria desses saberes metafísicos para criar interesses subliminares na formação da dominação política, social e cultural no mundo moderno e globalizado.

### **A identidade, o sujeito e a cultura: a crise de si mesmo na globalização**

A identidade é a representação ou pertencimento de cada sujeito, isto é, sua identificação como ser cultural que se enquadra em determinado contexto. Dizer algo complexo em poucas linhas talvez não permita esclarecer muitas coisas, mas pode facilitar, de antemão, a percepção do quanto esse conceito perpassa o romance *A caverna* (2000), pois só poderemos nos debruçar na jornada da personagem principal, Cipriano Algor, se tivermos a consciência de que sua dificuldade financeira e trabalhista indiretamente implica no seu modo de ser e existir, como se não se adequasse mais ao tempo moderno da tecnologia, do consumo desenfreado e que está interessado em determinado nicho mercadológico.

É diante dessa fundamentação que percebemos o início da tragédia na vida de Cipriano, pois o meio de sustento que faz parte de sua vida, a fabricação de pratos, copos e outros utensílios domésticos, por meio do manuseio do barro, tornou-se inadequada ao mercado moderno e global, pois essa cultura artesanal não é mais tão bem-vinda diante de um Centro comercial que se preocupa apenas com sua autossatisfação no lucro, utilizando uma dominação discursiva para implantar nos seres sociais o desejo pelo consumo e pela compra, além do acúmulo de objetos, como atesta o seguinte diálogo:

Pode dizer-me o que é que fez que as vendas tivessem baixado tanto, Acho que foi aparecimento aí de umas louças de plástico a imitar o barro, imitam-no tão bem que parecem autênticas, com a vantagem de que pesam muito menos e são muito mais baratas, Não é razão para que se deixe de comprar as minhas, o barro sempre é o barro, é autêntico, é natural, Vá dizer isso aos clientes, não quero afligi-lo, mas creio que agora sua louça só interessa a colecionadores, e esses são cada vez menos (SARAMAGO, 2000, p. 23).

Esse acontecimento revela uma mudança drástica de paradigma mercadológico, pois, considerando a transcrição acima, a prioridade mercadológica faz com que o meio de sustento artesanal de Cipriano não seja mais uma necessidade social, sendo descartado devido a uma opção com um valor de compra menor, e que, pelo seu baixo custo, apesar da qualidade inferior, possibilita aos dominadores da tecnologia enriquecerem seu capital econômico.

Nesse sentido, a recusa que recebeu do Centro econômico ao tentar vender a produção do seu árduo trabalho manual como oleiro encaminha essa personagem, juntamente com sua família, a um enfrentamento desleal e praticamente impossível de ser resolvido, justamente porque esse contexto já traduz o início do conflito de identidades, facetado por interesses e diferenças que são sutilmente implantadas. Dessa forma, percebemos que o discurso faz com que os consumidores não desejem os pratos de barro.

E, como se isto não fosse já tormento bastante, também se interrogou Cipriano Algor, pensando no velho forno da olaria, quantos pratos, púcaros, canecas e jarros por minuto ejectariam as malditas máquinas, quantas coisas a fazer vezes de bilhas e quartões. O resultado destas e outras perguntas que não ficaram registadas foi ensombrar-se outra vez o semblante do oleiro e, a partir daí, o resto do caminho foi todo ele um contínuo cogitar sobre o futuro difícil que esperava a família Algor se o Centro persistisse na nova avaliação de produtos de que a olaria fora talvez a primeira vítima (SARAMAGO, 2000, p. 27).

Por conseguinte, tem-se a identidade cultural de Cipriano sendo assediada pela identidade da cultura globalizada, e esse contraste é o que causa a dificuldade da personagem em manter sua herança familiar do artesanato como a maneira de garantir o seu sustento e o da sua família, pois se tornou um pertencimento sociocultural marginalizado, que não tem mais direito de fazer parte do Centro econômico.

Algo interessante para entendermos tal situação seria alguns postulados de Foucault (2016), principalmente em esclarecer que a diferença sempre permeará as identidades. Pensar essa relação das diferentes identidades cria o entendimento de que cada sujeito social pode se diferenciar porque suas motivações histórico-culturais o tornam particular, pois vive de acordo com a tradição que recebeu na vida.

Dessa forma, podemos entender que o discurso pertencente a Cipriano Algor diverge do pensamento ideológico do Centro porque, cada um, é revestido de motivações particulares que possam satisfazer suas necessidades identitárias. Enquanto a personagem reconhece a vida no interior e a atividade como artesão na olaria a verdadeira manifestação de pertencimento, o Centro, enquanto espaço ficcional, representa a modernidade capitalista e o anseio de um mundo que se torna global a partir do consumo. Tais atritos, assim nos parece, criam a antipatia entre as partes, impedindo que possam, de alguma maneira, harmonizar-se, já que suas ambições (de Cipriano e do Centro) envolvem-se em tramas diferentes.

Apesar de admitirmos que essas contradições identitárias estão bem evidenciadas na narrativa de Saramago, a relação entre Cipriano e o Centro começa a se tornar complexa e de teor dominador principalmente pela situação econômica que o protagonista e a sua família se encontram, cujas dificuldades financeiras, em virtude do avanço moderno que o Centro representa, revela que a garantia e a manutenção da sobrevivência dessas personagens dependia da reestruturação do pensamento e dos próprios valores e motivações culturais, criando, ainda na concepção de Foucault (2016), um processo de simpatia. Mas, para tal, obviamente acabaria sendo preciso

abdicar de seu modo de ser, existir e pensar, voluntária ou involuntariamente, a fim de criar, de certa forma, uma sintonia que garanta uma possibilidade acolhedora a ambos os lados.

Evidentemente, a conformação com a simpatia destacada por Foucault (2016), na aparência, demonstra certa positividade e a possibilidade de Cipriano e sua família adquirirem uma nova chance de se reerguerem financeiramente. Porém, se refletirmos a partir de Bhabha (2013), notamos que aceitar a imposição global acaba sendo, na modernidade, a continuidade de uma prática colonial, cuja submissão tanto do trabalho quanto do pensamento faz com que a própria identidade seja questionada devido à interferência desse colonialismo moderno que seduz através do discurso e da hegemonia e, disfarçadamente, cria o domínio sobre a humanidade. De forma mais clara: “O conceito de diferença cultural concentra-se no problema da ambivalência da autoridade cultural: a tentativa de dominar em *nome* de uma supremacia cultural que é ela mesma produzida apenas no momento da diferenciação” (BHABHA, 2013, p. 70, grifo do autor).

Por conseguinte, esse contexto mercadológico global que se disfarça pela máscara da democracia, nada mais é do que a continuidade da submissão colonial do poder com o intuito de ter a autoafirmação do dominador. Consequentemente, Cipriano Algor e sua família são os colonizados, e o Centro o colonizador, sendo essas figuras icônicas da história mundial ressignificadas na narrativa de Saramago. Em posse destes detalhes, fica evidente o quanto a colonização ainda resiste no seio do mundo, mantendo a mesma repressão, só que diante de um método mais sofisticado, sorrateiro e com um novo interesse: o consumo.

[...] O que é que o fez, de repente, mudar de ideias, Não quererás continuar a trabalhar de oleira para o resto da tua vida, Não, embora goste do que faço, Deves acompanhar o teu marido, amanhã terás filho, três gerações a comer barro é mais do que suficiente, E o pai está de acordo em ir conosco para o Centro, deixar a olaria, perguntou Marta, Deixar isto, nunca, está fora de questão, Quer dizer que passará a fazer tudo sozinho, cavar o barro, amassá-lo, trabalhar à bancada a ao torno, acender o forno, carrega-lo, desenforná-lo, limpá-lo, depois meter tudo na furgoneta e ir vender, recordo-lhe que as coisas já vão sendo bastante difíceis apesar da ajuda que nos dá Marçal no pouco tempo que cá está, Hei-de encontrar quem me auxilie, não faltam rapazes na povoação, Sabe perfeitamente que já ninguém quer ser oleiro, aqueles que se fartam do campo vão para as fábricas da Cintura, não deixam a terra para vir para o barro [...] (SARAMAGO, 2000, p. 31).

Doravante, mesmo diante de tamanha violência cultural, reconhecendo que sua identidade destoava da atividade manual de modelar o barro, principalmente por residir em uma casa distante do Centro, além de suas mercadorias não serem consideradas interessantes para serem comercializadas, Cipriano reconhece a dificuldade financeira da família, cujo genro, Marçal, era apenas o único entre todos que trabalhava; e sua filha Marta, por estar grávida, angustiava ainda mais a personagem. Preocupando-se com o que poderia acontecer com essas pessoas a quem tanto amava, Cipriano admite que sua luta não precisaria ser enfrentada por eles, e, por isso, em dado momento, ao receberem a oportunidade de residir dentro do Centro, aconselhou-os a aceitarem para que ainda pudessem ter uma vida digna.

Ao admitir isto, evidenciamos o quanto esse contraste identitário torna a simpatia de Foucault (2016) falha, justamente porque há uma imposição de pensamentos. Na narrativa essa problemática é evidente porque no momento que surge está sustentada por uma colonização moderna, cujo Centro é o Colonizador e devido a hegemonia conquistada em um terreno político, econômico e social, reverbera os interesses desse tempo que a família não estava preparada para enfrentar, sendo necessário a relação simpatizante não como uma harmonização que supere as diferenças, mas as acentua ao nível de gerar, principalmente no protagonista, um embate entre sua tradição ou a transformação, algo que se perdura do início ao fim do romance.

Logo, reconhecemos que o avanço do Centro ocasiona o apagamento cultural da identidade de Cipriano e de sua família, principalmente porque o protagonista é obrigado, devido às circunstâncias econômicas, a ter que se render ao discurso do Centro. O que estamos querendo dizer, com tudo isso, é que não há inocência ou muito menos neutralidade discursiva, e a aparência desse conflito intermediado pela narrativa reveste-se de intenções que são propositalmente escondidas, pois não é a família que se beneficiará com tudo isso, mas o próprio Centro, mantendo uma hegemonia social diante da alienação das personagens, principalmente ao demonstrar seu espaço moderno como um local de qualidade de vida.

Entretanto, a família ainda possuía esperança. A filha de Cipriano, sem querer abandonar o pai, propôs uma medida para reverter a situação: ao invés de continuarem fabricando utensílios domésticos, poderiam construir bonecos de barro. A proposta, em outras palavras, seria se adequar à necessidade do dominador (colonizador), tornando sua própria identidade menor e secundarizada; e a do outro, superior, suprema e prioritária. De forma mais clara, a problemática em torno dessa circunstância é um efeito neocolonial que nos auxilia a considerarmos a simpatia foucaultiana como uma dificuldade que não cria harmonia, mas submissão, isto é, abandonar a tradição para se adequar às exigências mercadológicas impostas, apesar de não ter garantia de que essa mudança permitiria a continuidade da subsistência. Não podemos concordar que essa iniciativa possa ser uma simpatia entre as diferenças, pois não é um diálogo que valoriza as partes, mas que compartilha claramente a intenção de domínio e de supressão cultural.

Eagleton (1998), inclusive, desata diversos nós para justificar essa invasão da globalização, esclarecendo que esse tempo da tecnologia e da hegemonia, com ambições planetárias, revelam a tragédia das tradições socioculturais, pois o avanço dessa nova ordem social reduz pequenas estruturas econômicas, em especial, as de manufatura familiar, que perdem espaço para subsistirem por não serem atrativas de serem consumidas. À luz dessas circunstâncias, concordamos que fica claro o quanto o romance demonstra a totalidade do que estamos chamando de dominador (no caso, o Centro), e que sua investida cria uma crise identitária, pois não se sabe qual o seu pertencimento, desconfia da sua própria maneira de ser, e, no fim, acaba sendo submetido, alienadamente, pela ideologia dominante.

Portanto, a indecisão de se render ou não ao Centro muito bem qualifica a questão que apontamos, pois, considerando a situação financeira e o fato de que uma criança estava por

nascer, o conflito interno, em especial o de Cipriano, atormentava-o entre abandonar quem era para ser aquilo a que estava sendo submetido. A interferência do Centro em sua vida é bem mais do que financeira, e a questão identitária está em constante conflito com esse espaço de poder e de dominação social.

### **O Centro entre o sagrado, o mítico e o ideológico**

O impacto que a cúpula referenciada no texto como Centro, sendo um local que representa todo o fomento mercadológico e de consumo do mundo pós-moderno, apresenta um conflito de alastramentos globais, cujas identidades culturais, como foi o caso relatado a partir da tradição familiar mantida por Cipriano Algor - considerada inválida aos anseios da política globalizada -, sofrem um esvaziamento de pertencimento.

A formação desse espaço é algo que nos chama a atenção, pois, como descrevemos na seção anterior, os efeitos de sua conduta, principalmente em gerar a angústia de pertencimento do sujeito, duvidando de si mesmo e do que se acredita, acarreta um efeito que instiga as personagens a acreditarem que a verdadeira felicidade, o conforto e a estabilidade social são realizações de quem vive dentro do Centro, usufruindo de seus recursos, mas, conseqüentemente, tendo que abdicar da própria essência existencial para viver nesse paraíso moderno. Dessa forma, essa imagem de mundo perfeito, o paradigma de salvação da vida e a possibilidade de recomeçar, são discursos que tornam a localidade bem mais do que um espaço físico, mas o revelam como um centro sagrado de sentidos míticos e primordiais.

De maneira a explicar melhor, citamos os estudos de Eliade (2019), em especial pelo esclarecimento do que seria o **mito do eterno retorno**, já que essa descoberta esclarece muito bem o quanto a humanidade vive em busca da origem das coisas, e esse ato, por mais que se realize de maneira sutil, não é citado despropositadamente, mas para esclarecer o anseio de viver um tempo passado, ou seja, de reproduzir o início do mundo e de sentir a nostalgia de um paraíso perdido.

Sendo assim, a influência do Centro na vida da família Algor é um acontecimento de regeneração do mundo, pois o novo, ainda segundo Eliade (2019), só é possível com o fim de algo anterior. Conseqüentemente, o domínio do mercado, a hegemonia de decidir o que (e como) se deve ter, cria um impasse entre abdicar da tradição em modelar o barro, ou seja, decidir ser o fim desse ciclo sociocultural mantido por Cipriano; ou se submeter ao Centro e viver o paraíso prometido da modernidade global e consumista.

A insistência de Cipriano em fomentar a sua identidade, apesar de tentar adequá-la ao novo contexto social, bem próximo da relação de simpatia proposta por Foucault (2016), é bastante problemática na narrativa, justamente pela submissão cultural que revela os atos coloniais na democracia moderna. Por conseguinte, interpretamos tal contenda literária como um ato desesperado de resistência, isto é, uma iniciativa instigada por sua filha, a fim de criar a esperança de que a família mantivesse a tradição socioeconômica: a arte de confeccionar o barro.

Contudo, como muito bem ensina Eliade (2019), o tempo primordial espera o sacrifício de cada um em conseguir abdicar dos desejos individualistas da vida profana e se dedicar ao sagrado, envolvendo-se ativamente no compromisso de assumir o sentido mítico como a essência da sua vida. Sendo assim, “Ao repetir o sacrifício arquetípico, o sacrificador, em plena operação cerimonial, abandona o mundo profano dos mortais e insere-se no mundo divino dos imortais” (ELIADE, 2019, pág. 40-41).

A existência do Centro, enquanto representação literária da modernidade capitalista, envolve-se no tempo mítico porque sua hegemonia e pompa de colonizador é legitimada como um lugar de renovação e esperança. Dessa forma, tais preceitos acabam se sustentando por rigores religiosos que determinam o sacrifício como a possibilidade de abdicar de algo individual para viver o renascimento. Não estamos querendo afirmar que a narrativa se reveste de uma estruturação metafísica, mas faz deste elemento uma carapaça simbólica que afirme a postura de colonizador do Centro, pois o acesso ao sonho moderno, dentro da cúpula, depende do sacrifício da própria identidade.

O Centro, não há uma pessoa que não o reconheça com assombro, é realmente grande. E é ali, disse Cipriano Algor entredentes, que o meu querido genro quer que eu vá viver, por trás de uma daquelas janelas que não se podem abrir, dizem eles que é para não alterar a estabilidade térmica do ar condicionado, mas a verdade é outra, as pessoas podem suicidar-se, se quiserem, mas não atirando-se de cem metros de altura para a rua, é um desespero que dá demasiado nas vistas e espevitava a curiosidade mórbida dos transeuntes, que logo querem saber porquê. Cipriano Algor já disse, não uma vez, mas muitas, que nunca aceitará vir morar para o Centro, que nunca renunciará à olaria que foi do pai e do avô [...] (SARAMAGO, 2000, p. 101-102).

Por conseguinte, insistimos nesse aspecto mítico-sagrado porque a maneira como essa cúpula consegue impactar o pensamento das personagens, em especial o genro de Cipriano, Marçal, comprova o anseio de um paraíso cuja vida esteja satisfeita e que não haja preocupações com segurança, alimentação ou risco de morte. Entretanto, para viver sob o jugo desses privilégios, precisa-se do sacrifício, ou seja, da capacidade de abdicar daquilo que o torna um sujeito: sua história, sua cultura e seu modo de ser.

Marçal, por ser um dos trabalhadores que fazem a segurança da cúpula, é interpelado pela grandeza mercadológica que pulsa e mantém esse local em pleno funcionamento, e, diferentemente de Cipriano, não se incomoda com a identidade, preocupa-se com o conforto e a estabilidade. Doravante, busca uma segurança social e financeira que mantenha sua esposa e o filho por nascer em uma vida digna e em segurança, aceitando o chamado do sacrifício e renunciando ao passado que tinha junto a Cipriano na olaria. Todas estas escolhas foram preponderantes para recomeçar a vida no espaço mítico da literatura de Saramago, reatualizado como o paraíso da modernidade.

Entretanto, existem algumas ressalvas importantes de serem ditas, pois a questão mítica trabalhada por Eliade (2019), ao explicar o eterno retorno e a nostalgia que temos do paraíso, parte de um efeito estritamente religioso, e que esse retorno recupera um tempo mágico em que o Céu e a Terra não eram separados, e a conexão dessas partes não fazia com que os seres primitivos tivessem a preocupação com a morte, o fim ou o distanciamento do paraíso, pois o que havia era a eternidade e a vida plena.

É nesse sentido que, quando ele explica a separação do Céu e da Terra, houve um distanciamento dos espaços, e o corpo humano, por mais que tentasse, não poderia alçar voo e subir aos céus, restando-lhe, como solução, aceitar a morte para que seu espírito chegue aos céus e, novamente, faça do paraíso perdido a própria morada espiritual. Diante deste paradigma, reconhecemos que a luta da família Algor, ao ser interpelada pela cúpula e sua modernidade capitalista e consumista, não apresenta uma busca espiritual, pois a sua natureza é advinda da Terra e dela faz parte, principalmente porque todo o desenrolar da trama não evoca um anseio metafísico ou transcendental, mas reatualiza, indiretamente, esses fervores mítico-sagrados para estabelecer o Centro como um paraíso na existência.

Logo, compreendemos que a melhor maneira de entender esse local narrado por Saramago (2000) é pelo fato de recuperar o sentido mítico do fim e do recomeço, demonstrando o eterno retorno discutido por Eliade (2019). Todavia, tal morada literária se reveste de um interesse que não é sagrado, e sim profano, pois as motivações do local são puramente mercadológicas, e, do fato de sua sobrevivência depender da crença humana, urge a ideia de perfeição, de felicidade, de ser um local (ou melhor, um mundo) que reverbera a nostalgia do paraíso, justamente por possibilitar que somente por esse caminho haja a possibilidade de validar o consumo, pois o capitalismo só se mantém enquanto houver o interesse de compra e venda, consolidando o ciclo de dominação social.

À luz disso, o que aproveitamos de Eliade (2019) não é suficiente no enredo saramaguiano porque suas argumentações evidenciam a questão mágica e celeste do eterno retorno. Diante dessa circunstância, completamos com as falas de Barthes (2001) justamente por este observar que o mito faz parte da modernidade, e que sua manifestação, advinda de um sentido sagrado e primordial, é corrompida pela linguagem. Assim, o que deveria ser uma busca da plenitude espiritual do mítico-sagrado, acaba sendo convertida em um sentido mítico-ideológico, pois se reveste de interesses.

Dessa forma, o apagamento da identidade cultural da família Cipriano, a crise de pertencimento que angustia a personagem principal e o anseio de viver o mundo propagado pela cúpula causam um efeito sutil de dominação, ocasionando o apagamento da prática em confeccionar utensílios domésticos a partir do manuseio do barro, ampliando a hegemonia do mercado capitalista, fazendo com que a globalização se efetive diante do idealismo paradisíaco da plenitude da vida enquanto houver de existir a dominação sorrateira do consumo.

Toda essa construção neocolonial que a nossa leitura interpreta das páginas de *A Caverna* começa a fazer sentido diante do ciclo mítico. Concordamos com essa definição porque gera um efeito de fim e recomeço. Desta forma, se o Centro se apresenta como um lugar que compartilha a novidade, a renovação, a esperança e a felicidade, então a possibilidade de fazer parte dessa nova ordem social depende do sacrifício da própria identidade e tradição cultural (o manuseio do barro). “É por isso que o mito é vivido como uma fala inocente: não que as suas intenções estejam escondidas: se o estivessem, não poderiam ser eficazes; mas porque elas são naturalizadas” (BARTHES, 2001, p. 152).

O que percebemos, em nossa leitura, principalmente diante da personagem Marçal, que era vigilante dentro da cúpula, foi o despertar da esperança e do recomeço diante do abandono da própria história, cultura e realidade, em busca de uma vivência tão idealizada, poderosa e instigante, que se tornou um paraíso na Terra, e que mantém viva a dominação colonial na modernidade. “Se a nossa sociedade é objetivamente o campo privilegiado das significações míticas, é porque o mito é formalmente o instrumento mais apropriado para a inversão ideológica que a define [...]” (BARTHES, 2001, p. 163).

Portanto, os caminhos míticos que traçamos acabam sendo um pretexto para validar o interesse político de dominação cultural, fazendo da globalização um gesto neocolonial que avança ao propiciar uma deslealdade econômica, tornando a atividade artesanal, assim como os próprios sujeitos, insignificantes em um mercado facetado por tanta tecnologia que só pelo consumo descontrolado é possível sentir e adquirir.

### **A luta do sujeito para pertencer**

A melhor maneira que encontramos para compreender as motivações de Cipriano e sua insistência em não abandonar a casa e a olaria para residir no Centro é relembarmos a vantagem sociopolítica que o protagonista do romance vivenciava. Por não conseguir se sobrepor à hegemonia do discurso mítico-ideológico que representa e idealiza a nostalgia de um paraíso moderno dentro da cúpula, ele mantém firme suas crenças sócio-históricas. Além disso, faz da identidade o ato de resistência que o permita, mesmo diante dos interesses globais, viver, existir e ser na realidade, apesar da preocupação e da tristeza que sentia dentro de si mesmo, como muito bem esclarece a seguinte passagem da narrativa:

A pedra em que Cipriano Algor acabou de se sentar vai fazer as vezes de banco das meditações, foi para isso que ele saiu de casa, se tivesse ido acolher-se ao autêntico a filha vê-lo-ia da porta da cozinha e não tardaria a acudir a perguntar-lhe se estava bem, são cuidados que evidentemente se engrandecem, mas a natureza humana está feita de tão estranha maneira que até os mais sinceros e espontâneos movimentos do coração se podem tornar importunos em certas circunstâncias. (SARAMAGO, 2000, p. 263).

A tradição que sua memória guardava e que suas mãos praticavam no manuseio do barro apresenta seu pertencimento e traduz uma cultura socioeconômica artesanal. A herança dessa prática manteve viva a história e a identidade da sua família, pois seus antepassados viviam dessa atividade. Dessa forma, a continuidade das atividades como oleiro mantém atados os laços de diferentes gerações em um mesmo processo contínuo de sobrevivência social.

Por conseguinte, romper o ciclo familiar da confecção do barro é uma problemática identitária que ocasiona o abandono de si mesmo e das origens socioculturais. Pensando dessa forma que ressaltamos Bhabha (2013) novamente, pois o estudioso esclarece, em sua crítica, a continuidade colonial em criar dominação e controle sobre o que deve existir e como devemos permanecer, não havendo, no caso da família de Cipriano, a possibilidade de viverem, como os antepassados, do artesanato, restando-lhe o rompimento do ciclo para recomeçar a vida dentro da cúpula, isto é, no paraíso moderno.

O ascensor ia atravessando vagorosamente os pavimentos, mostrando sucessivamente os andares, as galerias, as lojas [...] tudo à espera, tudo em silêncio, e mais lojas, e mais galerias, e mais manequins, e mais jardins suspensos, e coisas de que provavelmente ninguém conhece os nomes, como uma ascensão ao paraíso (SARAMAGO, 2000, p. 277).

Apesar das tentativas de Cipriano de resistir à tentação do Centro, entendemos que a falta de perspectiva de sustento e a necessidade, principalmente, de propiciar uma vida digna ao bebê que sua filha estava esperando, permitiu tais colonialismos modernos dominarem a personagem, e, no fim, acompanhou sua família nesse recomeço que exigia deles o sacrifício da própria identidade e da tradição.

Insistimos nessa perspectiva analítica justamente porque a narrativa de *A Caverna* (2000) é uma gradação de enfrentamentos, cuja luta da personagem principal está em resistir e manter no seio da terra suas raízes históricas e culturais. É nesse sentido que conseguimos detectar diferentes desafios no conflito identitário que passam por etapas graduais nas quais o protagonista reflete sobre essa ambivalência entre a tradição e a modernidade e como poderia viver nesses novos tempos.

Através dessa linha de raciocínio, há, na primeira etapa, um começo já de negação do seu modo de viver; na segunda etapa, uma tentativa posterior de adequação da arte, como uma simpatia entre Cipriano e o outro (o Centro), mas que despontava a influência que o espaço já realizava em suas vidas, doutrinando-o a se submeter aos anseios mercadológicos da globalização; e na terceira etapa, diante de uma nova frustração, há o reconhecimento de que sua subsistência estava fadada à marginalização, e o recomeço do paraíso prometido, em sentido estritamente mítico-religioso, exige o fim de outrem para o renascimento do agora.

Contudo, concordamos que os valores do centro são mítico-ideológicos. Logo, há um interesse discursivo, uma vontade de dominação social, que não permite espaço para outras identidades, histórias e culturas. Por isso é tão essencial esse despertar mítico da nostalgia de

um paraíso (ELIADE, 2019), já que traduz o Centro bem mais do que como uma mera localidade, mas um ambiente de valores primordiais doutrinários, a fim de alcançarmos a felicidade e a estabilidade da vida.

Desta forma, a luta de Cipriano era uma medida desesperada que não poderia dar certo, já que o sentido mítico, como salienta Eliade (2019), é um retorno à origem paradisíaca do mundo. Sendo assim, todas as necessidades são supridas e vive-se a se deleitar da paz, do conforto e da estabilidade. Ir na contramão dessa verdade arriscaria a continuidade da vida, e, então, o fim não é mais a transcendência para o recomeço, mas o arremate absoluto da própria existência. Em outras palavras, “O homem não faz mais do que repetir o ato da Criação [...]” (ELIADE, 2019, p. 30), e, por mais ideológico e cercado de interesses de dominação econômica, política e social que o Centro se revista, ele acaba sendo a repetição da criação, tornando-se a consequência mítico-sagrada.

Além do mais, tudo o que está dentro da cúpula fomenta a criação do paraíso mítico-ideológico diante do consumo mercadológico que mantém as lojas, os restaurantes, enfim, tudo que se sustenta diante da relação de troca do capitalismo em pleno funcionamento. Isto já está bem claro e ressaltado; no entanto, precisamos frisar que a antipatia identitária de Cipriano sobre a criação desse mundo moderno é o resultado de pertencer a uma outra ordem mítica de retorno à origem, diante da confecção artesanal do barro.

Essa diferença paradisíaca é o resultado do pertencimento que cada uma dessas identidades se sustenta. A própria maneira de ser representa a realidade ideal para viverem plenamente, e por isso que eles (Cipriano e o Centro), à sua maneira, criam a vida que desejam viver. Consequentemente, o que até então ressaltamos ser a tentativa de permanência da identidade sociocultural, indiretamente apresenta o seu próprio ato criador, que destoa na sua caminhada histórico-cultural de alcançar o paraíso. Observemos o seguinte diálogo entre Marçal e sua esposa, Marta:

[...] Neste momento, o mais importante para o teu pai é o trabalho que faz, não a utilidade que tenha, se lhe tirares o trabalho, qualquer trabalho, tirar-lhe-ás, de certa maneira, uma razão de viver [...] É verdade, mas disse-o daquela mesma maneira com que todos dizemos que um dia teremos de morrer, há uma parte da nossa mente que se recusa a admitir aquilo que sabe ser destino de todos os seres vivos, da de conta que não é nada com ela, assim está o teu pai, diz-nos que irá viver conosco, mas, lá no fundo, é como se não acreditasse, Como se estivesse à espera de que lhe apareça no último instante um desvio que o leve por outro caminho [...] (SARAMAGO, 2000, p. 232-233).

O fim do seu trabalho é o extermínio do paraíso ao qual pertencia, e, ao se render ao sonho paradisíaco da modernidade e à sua tentativa de globalização social, política e econômica, sua luta identitária é perdida neste momento, como demonstra a conversa entre Marçal e Marta, pois eles sabiam do sofrimento de Cipriano em ter toda sua glória como artesão exterminada, não havendo mais sentido a sua permanência. O resultado dessa circunstância marginaliza o seu paraíso porque não se adequa às novas necessidades capitalistas, ou melhor, aos interesses do dominador/colonizador (o Centro).

O discurso natural(izado), unificador, da “nação”, dos “povos” ou da tradição “popular” autêntica, esses mitos incrustados da particularidade da cultura, não pode ter referências imediatas. A grande, embora desestabilizadora, vantagem dessa posição é que ela nos torna progressivamente conscientes da construção da cultura e da invenção da tradição (BHA-BHA, 2013, p. 277, aspas do autor).

Por conseguinte, esse espaço narrado por Saramago apresenta-se diante de uma releitura modernista, e o interesse ideológico concatena a invenção da busca de um paraíso, e a felicidade na qual as personagens, em especial Marçal, acreditavam ser encontrada nas moradias dentro da cúpula, surgia de um sonho criado pelos dominadores, provocando a ideia de felicidade, mas, disfarçadamente, potencializando a hegemonia do consumo e o avanço da globalização.

Marçal, portanto, por estar bastante presente dentro do Centro, já que trabalhava como segurança, começa a comparar a vida no interior e a vida que poderia ter nesse mundo moderno e paradisíaco. As dificuldades socioeconômicas sempre apareciam na consolidação do seu pensamento, e ao entrar em contato com essas duas realidades, conclui que o melhor estaria no lugar do desenvolvimento, que representa o futuro e a renovação da sua vida. Por conseguinte, já influenciado pelo discurso neocolonial, abdica do passado e da tradição e aceita, sem relutância, o recomeço na ordem social da globalização.

Após esclarecermos esses fatos, percebemos o quanto a luta de Cipriano é um verdadeiro ato de resistência, pois enquanto a modernidade avança e adquire hegemonia, sua própria tradição é empurrada, massacrada e marginalizada. A angústia que sente diante da negação do seu trabalho e do fruto desse ofício, faz com que a subsistência se torne ainda pior, porque é o idealismo que gera sentido em sua caminhada pela vida. Logo, ter uma identidade evoca a importância de se descobrir diante das diferenças existentes na vida, e se esse princípio passa por um processo de esvaziamento, o sujeito, conseqüentemente, vive em crise por estar no impasse de abandonar a tradição ou aceitar a modernidade.

Sendo assim, o contato entre Cipriano e o Centro, que recria muito bem a relação histórica entre Colonizado e Colonizador, é bastante desarmônico porque, em cada um, há uma invenção da possibilidade de realidade que os motiva a viver, ou seja, que faz com que suas existências não estejam interligadas à ideia de acaso, mas direcionadas em propósitos que precisam cumprir para alcançarem o pertencimento da vida. A luta entre ambos é uma evidência do que Hall (2020) se debruça em seus estudos: a busca de uma realidade imaginada. Para Cipriano, a perfeição e a satisfação estão em seu trabalho; já o Centro, enquanto reverberação capitalista da globalização, entende a necessidade do consumo como plenitude.

Por conseguinte, tais projeções paradisíacas, conseqüentemente, provocam o sentimento de antipatia entre si. Por sua vez, apesar de ser pavoroso termos que admitir isso, a continuidade de um depende do extermínio do outro. É por isso que quem possui mais influência e controle (O Colonizador) sai vitorioso, e retornamos, dessa forma, ao destaque que fizemos na seção anterior: a morte de si mesmo a fim de renascer.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades (HALL, 2020, p. 31, grifos e aspas do autor).

Como podemos esclarecer de acordo com as indagações de Hall (2020), o enredo de Saramago criava um conflito pessoal no protagonista, pois o lugar em que vive não configura o acolhimento da sua identidade como artesão e da tradição familiar ao utilizar o manuseio do barro para subsistir na sociedade. Em virtude desses contrastes que Cipriano, durante sua morada no Centro, impactou-se com algo curiosos: uma escavação.

De certo modo, não parece ser algo absurdo, mas isso não o impediu de, em uma certa noite, entrar na zona de obras, acessar o elevador que dava até o fim da escavação e buscar entender o que tinha de tão especial para os trabalhadores terem o trabalho de cavarem tão profundamente. Seus questionamentos, no entanto, não eram infundados, e o espanto que teve ao encontrar seis pessoas mortas e acorrentadas dentro da caverna fizeram-lhe sentir medo, tormenta e desespero em continuar naquele lugar que escondia algo tão macabro e pavoroso. Tal sentimento rememorou a sua luta. A decisão de ir embora daquele local demonstra a falta de pertencimento ao Centro, pois sua identidade está em outro paraíso terrestre: em sua casa e olaria, realizando suas obrigações socioculturais como artesão, herdadas da família.

Ao decidir ir embora, Cipriano também consegue convencer o genro e a filha a irem juntos, e durante a partida, no carro, passando em frente à entrada do Centro, são impactados por uma propaganda que aludia sobre a descoberta de Cipriano ao explorar a escavação, com os seguintes dizeres: “[...] BREVEMENTE, ABERTURA AO PÚBLICO DA CAVERNA DE PLATÃO, ATRACÇÃO EXCLUSIVA, ÚNICA NO MUNDO, COMPRE JÁ A SUA ENTRADA” (SARAMAGO, 2000, p. 350).

Com essa recuperação histórica da caverna de Platão, o desfecho da narrativa sobre a jornada de Cipriano com sua família demonstra as intenções do Centro. A nostalgia do paraíso, neste caso, apenas é um fenômeno mítico-ideológico que está a favor de uma sociedade estruturada pelo consumo desenfreado. A exposição dos corpos que reescreve a narrativa de Platão, muito bem traduz essa vontade de tudo ser uma oportunidade de gerar lucro, de movimentar a distribuição do dinheiro e enriquecer ainda mais o dominador, dando-lhe a oportunidade hegemônica de globalizar (uma tentativa moderna de colonizar) os povos e suas identidades, histórias e culturas.

Portanto, a luta de Cipriano o fez ir e vir perante suas questões identitárias que despertavam a sua própria origem mítica, e, ao se distanciar completamente do Centro, tornou-se um sujeito completamente marginalizado, que não se adequa ao padrão de vida do paraíso moderno de *A caverna* (2000).

## Considerações finais

O estudo que fizemos de *A Caverna* (2000) foi dividido em três momentos, nos quais pudemos detalhar, respectivamente, a crise identitária de Cipriano, a nostalgia de um paraíso que torna o Centro um espaço tão maravilhoso, idílico e desejado, e, por fim, demonstramos os impactos do conflito que esse encontro da tradição artesanal com o movimento consumista da modernidade acarreta a marginalização da história e da cultura de Cipriano e de sua família.

Dito isto, ao discutirmos primeiro sobre a questão identitária tivemos a comprovação que possuir identidade é uma demonstração da dignidade humana, em poder pertencer no meio social sob a égide de uma tradição sociocultural que, no caso de Cipriano, mantinha viva a prática familiar de manusear o barro na produção de utensílios domésticos. Dessa forma, no momento em que esse traço particular passou a ser diminuído pela competitividade mercadológica imposta pelo Centro, evidenciamos a sutileza da globalização modernista em ditar aquilo que importa na sociedade.

Dessa forma, todos os momentos de angústia que afligiram a personagem sobre o seu modo de ser, surgiram pela dominação do Centro, mantendo, em um mundo dito como justo e democrático, as facetas coloniais da supremacia do colonizador, e, por conseguinte, Cipriano passa por diversos impasses conflitantes na qual pudesse reatualizar o próprio pertencimento sócio-histórico. Contudo, a própria identidade acolhida pelo protagonista sofre diversos enfrentamentos e digressões porque não aceita se transformar para viver nesse tempo anunciado pelo mundo dentro da cúpula, e então, como consequência da realidade financeira e deslealdade de recursos que pudessem trazer mais força para Cipriano, apenas o conduz a se submeter aos anseios do Centro.

Estes apontamentos nos levam ao interesse de entender o quanto esse espaço predomina como dominador e consegue fomentar sua hegemonia sem transparecer seus interesses. Dessa forma, a explicação que melhor identifica o encanto da riqueza mercadológica dentro da cúpula foi a reatualização do sentido mítico-sagrado de um paraíso perdido. Uma jornada que determinasse o retorno à origem, a busca de uma terra utópica, perfeita e na qual paira paz e felicidade. As premissas que impulsionaram Marçal a fazer parte deste mundo prometido pela modernidade comprovaram tal paradigma, já que representam muito bem a aceitação e o sacrifício mítico, justamente porque a passagem para o paraíso é um recomeço, logo, necessita que haja um fim para renascer e viver nessa localidade.

Contudo, essa essência “transcendental” possui um interesse espiritual, a fim de se livrar do profano e de alcançar a verdade sagrada. O Centro, por outro lado, apenas aproveita tal fundamento mítico-religioso e o torna predominantemente ideológico devido a formação do interesse globalizador e hegemônico a partir de partículas discursivas sutis e sofisticadas que reatualizam as estruturas políticas coloniais. Dessa maneira que a intenção desse colonizador literário está no avanço da globalização, tornando-se desejável por revestir-se da carapaça de

um paraíso perdido, mas, essencialmente, apenas continua o ciclo de dominação, que muito bem representava a colonização, só que o controle está no mercado, que sobrevive através da nova ordem social que se garante e se atualiza, na modernidade, a partir do consumo.

Ao endossarmos essas duas facetas da narrativa, em seguida tivemos um direcionamento melhor para entendermos o conflito entre o Centro e Cipriano, e que a antipatia entre ambos está nos ideais de verdadeira felicidade. Dessa forma, cada um idealiza e, doravante, inventava um paraíso diferente, sendo, no caso do primeiro, uma vida de consumo; e para o segundo, a criação artesanal dos utensílios domésticos na olaria. Consequentemente, a nostalgia de um paraíso é a formação da identidade e a busca por pertencimento. Porém, o destino final de Cipriano não se restringe apenas a isso, mas ao quanto a ideia mítica acaba sendo fatal quando interpelada pelos interesses ideológicos, pois o paraíso de si, exige o extermínio do paraíso do outro.

Portanto, o fato de Cipriano ter ido embora não resulta em uma vitória, já que, mesmo mantendo suas convicções identitárias, elas ainda estavam sob o jugo do Centro, e esse paraíso moderno cada vez ganhava mais força, aumentando sua hegemonia e assumindo o controle das culturas.

## Referências

- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Trad.: Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 11. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2001.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad.: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 2ed. Minas Gerais, BH: Editora UFMG, 2013.
- EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Trad.: Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998.
- ELIADE, Mircea. *Mitos, sonhos e mistérios*. Trad.: Samuel Soares. Portugal/Lisboa: Edições70, 2019.
- ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. Trad.: Manuela Torres. Portugal/Lisboa: Edições70, 2019.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Trad.: Salma Tannus Muchail. 10ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2016.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.
- ISER, Wolfgang. III. O jogo do texto. In: LIMA, L. C. (org.). *A literatura e o leitor*. São Paulo: Paz e terra. 2011. p. 105-118.
- SARAMAGO, José. *A Caverna*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.